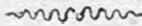


REVISTA MENSAL

DA

SOCIEDADE

PARTHENON LITTERARIO



1. ANNO. MAIO DE 1869. N. 3.



PORTO ALEGRE.



TYP. DO JORNAL DO COMMERCIO.



1869.

REVISTA MENSAL

BOLETIM

COMISSÃO DE REDACÇÃO.

Vasco de Araujo e Silva.
Appollinario Porto Alegre.
José Bernardino dos Santos.
Aurelio V. de Bittencourt.
Nicolau Vicente Pereira.
Hilario Ribeiro de A. e Silva.

REDACTOR DE MEZ

José Bernardino dos Santos.

PORTO ALEGRE

1889

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

1889

1889

AFFONSO DE LAMARTINE.

La mort ! . . . terme suprême où chaque destinée
Humble ou haute fuit, lorsque l'heure est sonnée,
Heure qu'on n'entend pas !

LAZARE. — Ode a memoria do Duque de Orleães.

Dolorosa é certo, mas sublime e ultima verdade é esta; verdade, que, com repugnancia embora, o espirito humano admite e reconhece humilhado de sua propria fraqueza ao sentir a gelidez e inercia do cadaver — a morte.

Sim, poeta, tens razão: a morte é o termo supremo em que cada existencia humilde ou sobranceira fenéce, quando sôa a hora, a hora que se não ouve. Antes, ferido por ella baqueou no solio regio o teu Duque de Orleães; depois cahiu tambem, mas na enherga da miseria. . . fulminado pelo anjo da morte, outra realza, a do Genio — Affonso de Lamartine!

No infinito periodo da eternidade a morte é o fatal parenthesis que indistinctamente fecha em um tumulo com a sentença da humanidade uma existencia util, exemplar e illustre, como a mais hedionda, a mais tôrpe e a mais miseravel das que hajão rastejado na terra, quer passassem entre as imprecações e anthemias da erapula, quer se confundissem com as benções dos povos. Nem o Christo foi poupado a inexoravel razoura da Omnipotencia !

Curvemo-nos submissos a esse uivel, e que toda a exprobração contra elle seja uma prece fervorosa e contricta.

E' pois ao sopezar d'esse immutavel decreto da Divindade que desde hontem uma familia, uma sociedade, uma nação, o orbe inteiro, emfim, com o Genio da poesia, prosternão-se consternados sobre um alaúde singelo, deplorando o trespassar de um homem-seculo.

E' tambem ao pezo esmagador d'essa tremenda condemnación que as aguias descem das alturas dos alcantis e dos céos para virem ao terraço de um misero pardieiro da avenida de Eylau, concertar seus roucos e lugubres pios ao grande cantico da morte.

Os campanarios rodão de minuto á minuto sobre os eixos nas torres da *Magdaleine* e *Notre Dame*; em cada nota que ferem, a voz do bronze geme no espaço como um carne de angustia: — *Lamartine enorreo!*

E além o echo que zigagueia repete a todos os pontos da terra, na voz unisona e sacra de um côro de archanjos: — *Lamartine deixou de soffrer!*

★ ★

As Confidencias, O Raphael, As Meditações, Isolamento, O Lago, Estancias, Evira, Morte de Socrates, Novas Meditações, Último canto do Child-Harold, O canto da sação, Harmonias religiosas e poeticas, Jocelyn, Quêda de um Anjo, Recolhimento, e a historia dos Girondinos e da Restauração; como o madeiramento naufrago de uma nave quebrada pelas iras da tempestade sobrenadão agora no mar ceruleo da

immortalidade e servem de sarcophago ao cadaver do Nelson da litteratura, que até o ultimo instante, impavido, sobre o banco do quarto ordenava as obras.

Esses volumes preciosos, creações sublimes e castas inspirações do Genio, rolarão no pó, como uma pyramide desfeita e abatida fragmento por fragmento, até hontem; hoje, porém, a posteridade admirada e agradecida reune-os e com elles reerguerá um monumento colossal e eterno.

Eterno, sim! porque o nome que rememora uma vida de religião, de amor, de virtude, de illustração e sciencia, transumpto da sabedoria humana, não pôde deixar de viver em todos os seculos.

Porque esse nome que o mundo aprendeo cantando e admirando em teus versos, em tuas sabias lições de historia, e exemplos das mais evangelicas virtudes e da mais sã philosophia, nunca será esquecido.

Porque esse nome é o teu Lamartine, que cingiste na fronte a triplice corôa de historiador, de poeta e orador, e ergueste a voz poderosa e eloquente contra a pena de morte; e portanto não pôde morrer.

Elle proprio o sabia; alimentava tanta creença e fé em Deus, como certeza da immortalidade de seu nome: são os seus proprios versos quem nol-o dizem:

« Tout se tait: mon cœur seul parle dans ce silence;
« La voix de l'univers, c'est mon intelligence. »

Já antes a havia consignado n'estes outros:

« Mais qui sert de lutter contre la destinée? »

E como que respondendo a sua propria pergunta, com outra, n'estes lindos versos:

« Et j'ai dit dans mon cœur: que faire de la vie? »

E a tua immortalidade é bella Lamartine! A ti se podem repetir as palavras do Dr. Level sobre o tumulo de Arago:

« Tua vida foi uma longa tempestade e teu craneo um volcão; porém teu coração era pufo como um sorriso de virgem, santo como um beijo de mãe. »

E de facto, foi tua virtuosa mãe quem primeiro despertou-te da ignorancia infantil, para ensinar-te a comprehender tres palavras, que forão a tua divisa — *Deus, amor e gloria.*

Jacques Arago « é o synonymo da probidade, da sciencia e da lealdade: atravez dos seculos por vir seu nome significará: *humanidade*, como o do Christo resume-se em *amor e caridade.* »

Tu foste porções de ambos.

Arago fallava aos homens profundando a sciencia.

Tu fallastes aos homens na voz da historia, e a Deus na da poesia!



Apostolo do Christianismo, da liberdade e do amor segui-te a senda brilhante de Chateaubriand e o encontraste na gloria do teu nome: moderno Anchiéta, tu derramaste tambem em canticos divinos o germen do bem, do bello e do sublime no terreno que irrigavas com esse orvalho puro e vivificante a que o Evangelho chamou — *Caridade.*

Poeta, contaste a Deus nas alturas e o amor e a liberdade na terra aos accordes magicos da mais doce das lyras.

Historiador nobre e consciencioso, como erudito e indagador, tua penna lavrou a sentença aos máos e ambiciosos, e desledeo do odioso os martyres de sua heróica abnegação e patriotismo, infamados pelos odios das paixões politicas.

Assim deste por merecido o *banho de sangue* á Marat, e justaste a *golla vermelha* ao collo de Robespierre, restituindo todo o esplendor da pureza ao desvairamento fanatico de 93, que lamentaste.

Entre as victimas illustres e dignas da tua protecção e da justiça da historia não esqueceste a infortunada Corday, cuja dupla capella de heroína e de virgem ergueste do horrendo tablado de Gillotin ao Pantheon dos heróes, salpicada de sangue, mas não do lôdo com que seus inimigos quizerão macular-lhe as brancas rosas e os viventes louros.

Orador e soldado, quem deixará de admirar aquelle rasgo sublime de valor e patriotismo, quando na praça do *Hotel de Ville*, alvo das escopêtas dos facciosos da turma de Blanqui, tomaste d'elles o *drapeau rouge*, que pretendião fazer adoptar pelo governo provisório, exclamando:—Nunca o adoptarei, porque o pavilhão tricolor quer com a Republica. quer com o Imperio tremulou em todo o mundo como symbolo de nossas liberdades e de nossas glorias, enquanto que o *drapeau rouge* apenas foi no campo de Marte arrastado no sangue do povo!

Então o povo ergueo-te em triumpho sobre seus hombros, ao estampido de patrióticas manifestações e ao reboar unidisono do enthusiasmo repetindo por milhares de vozes as aclamações de *Vive le roi!* E onde, acima do tumultuar rabido de um grande povo, ao tinir ameaçador dos chuços e bayonetas, tua voz se estendeo sobre as multidões agitadas, serenando-as, como o rebenatar da tormenta, que na pressão atmosferica subjuga os escarcêos sublevados em furia, nivellando a superficie do oceano, que cobre com alvissima toalha de escuma! Tua eloquencia era poderosa como o desatar dos elementos!

Lamartine, eras quasi sobre-humano: n'essa fronte que a morte inclinou irradiavão os cambiantes do genio na chama da Divindade que te abrazava.

Porém tua missão na terra estava terminada; o céu te esperava; partiste a seu encontro; e n'essa partida deste a terra um cadaver e um nome aos seculos.

Como a chrysalida adormeceste—larva, para acordar pouco depois no espaço, onde borboleta de Deus, te libras nas candidas azas.

Ao tornar-se mais intenso o inverno da vida, quando a decrepitude rolava suas avalanches de neve, andorinha altaneira alaste teu vôo para mais perto do sol, transmigraste para outro mundo melhor.

E quando na terra a luz de teu genio se affogava em um mar de lagrimas, no azul do firmamento abrião-se doces reflexos, vião-se os primeiros lampejos de um novo e resplendente planeta.

Marco miliario da litteratura, Lamartine, teu nome será eterno em toda a eternidade.

O cygne franco gemeo a nota final.

O homem do *Hotel de Ville*, esse colosso rodhiano, que a França moderna orgulhava-se em erguer desde 1820 sobre os faustosos despojos da litteratura do 1.º Imperio, cahiu derribado pela morte como um d'esses gigantes do reino vegetal que sombreião as montanhas do Thibét, quando o raio os cerceia junto a raiz; o o estrepido de sua queda repercutio em échos dolentes por todos os angulos da terra, ferindo todos os corações bem formados, arrancando um suspiro do fundo d'alma de cada crente, e o pranto de todos os olhos.

Quem ha em todo o orbe civilisado, que havendo aberto alguma das tuas obras com o respeito devido a gloria de teu nome, d'esse nome que todos amavão, que todos admiravão, que não sinta ao ouvir a fatal nova de tua morte o rosto escaldar-se com uma lagrima de saudosa piedade? Ninguem!

O poeta vive ainda no coração e na memoria de todos, e viverá sempre no cantico dos seculos, e nas paginas sublimes das *Meditações* e dos *Girondinos*, como sobre o bronze dos canhões conquistados vive o genio das batalhas.

Mas que digo? Tu, Lamartine, não morreste!

Napoléão 1.º será o eterno padrão da gloria armada, e tu, Lamartine, serás o symbolo glorioso da paz, da liberdade e do amor. Tu és o brazão do genio, tu és o nome do teu seculo !

A lyra melancolica, porém, jámais desferirá os carmes ungidos de ascetica dôcura, nem unirá os divinos harpêjos de concerto com o canto dos passarinhos no hymno de saudade e de amor em despedida do dia —ao cantico da creação.

A musa dos castos pensamentos emmudeceo em meio de um psalmo.

O trovador de *Graziella*, e cantor de *Elvira* jámais descantará seus amores.

O bardo da crença, da fê e da esperanza ; o inspirado cantor da natureza e dos céos calou-se, e calou-se para sempre.

É o grande lyrico, o famoso historiador, o elegante orador, o romancista e o critico, o predestinado enfim, que tão alto fôra erguido no espirito de seu seculo, a que legou seu nome, declinára rapido do apogêo de sua fortuna, já que não podia decahir do de sua gloria, á triste condição de *jornaleiro de seus credôres*, e d'ahi, em mais precipite curso sua existencia se quebrou nos abysmos mysteriosos do nada.

O homem que com seu fausto deslumbrára o Oriente, quando como Byron ia saudar a liberdade longe da patria ; esse homem illustre, de quem a Franca se ennobrece por ter dado o berço, e que fôra sãgrado pelo povo morreo, em extrema penuria; trabalhando para viver; suicidando-se lenta e indirectamente porque seu trabalho era cansoso, além de indigno de seu renome, inglorio para sua patria e insufficiente para resgatar seu credito compromettido por dividas que sua prodigiosa caridade fizera avultar á enormes sommas.

Miseria condição da humanidade ! O genio que creára, transmutou se em machina de escripta ; tornou-se o compillador, quesó tinha em mira o producto de suas locubrações litterarias para comprar o pão quotidiano e para solver parte dos premios de suas dividas, para satisfazer a usurá de seus credores, á qual no entanto, não bastava nem o seu *jornal de escrevente*, nem a mesquinha pensão que lhe subministrava o favor de um governo que elle nunca reconheceo, e nem o producto da aviltante subscrição promovida em seu beneficio.

E no entanto soffreo !... Sua penuria foi menos extrema, é verdade, que a grandiosa miseria do Homero luzitano, porém, foi por isso mesmo menos hourosa e resplendente de gloria que a do cantor dos *Luziadas* !

Eras crente Lamartine, e o christão sobreviveo ao desgosto e a deshonra até que o anjo da morte enviado pela Providencia viesse libertar te dos ferros, mandando annunciar-te a hora da redempção por um de seus ministros, por De Guerry, o cura da *Magdaleine* ; assim como eras poeta tambem, e por isso a miseria, o amor e a fidelidade deverião receber teu derradeiro gemido.

* *

Curvem -nos todos ante a grande cathastrophe que roubou do mundo o grande lyrico, o grande orador, o grande historiador ; porém, não turbemos o somno do justo com nossos suspiros e prantos improficuos.

Recolham -nos antes ao culto intimo, e arrendidos de nossas amargas queixas, como elle outr'ora em dulcissimo mysticismo, quando elevava seu espirito até ao Creador, repitamos no fervor de uma prece, apenas estes seus versos :

« *Nous n'avions au bon Dieu que des graces a rendre.* »

Estas devião ser as nossas ultimas palavras, e diriamol as; se o Reverendo Padre Hyacinthe, as não pronunciasse com môr eloquencia sobre o tumulo do illustre morto.

Queçamos o Padre, é elle quem falla :

« Creio interpretar ós sentimentos de todos levantando uma prece junto d'esta sepultura. Inclinação se todas as grandezas, recolhem-se todas as dôres diante da morte; fica apenas a alma em presença de seu Pae e Juiz.

« Assim que, ao passo que lá fóra, a França chora o grande poéta, o grande orador, o grande cidadão, aqui só do christão nos lembramos. Sim, o christão! porque tal se conservou atravez dos desfallecimentos do homem e no seio da ebriedade do genio: o christão, sim! porque soube ser filho de sua mãe, e porque bebeo em seus joelhos, com aquillo que elle mesmo chamou « o santo leite de sua alma » mais ainda do que no seu proprio genio, as notas inimitaveis em que celebrou a alma e Deus.

« Acompanhemol-o, pois, n'este momento antea justiça do Juiz e a misericordia do Pae, e repitamos juntos este psalmo da morte, cheio de perdão e de esperança, ou antes de certeza no amor e na fé.

« De profundis ! »

Porto Alegre, 13 de Maio de 1869.

José Bernardino dos Santos.

Apontamentos para o meu uso.

O *Partenari Literário*, fundado na cidade de Porto Alegre, no dia 18 de junho de 1868, teve a sua revista. Esta teve a sua publicação iniciada no ano seguinte, em março de 1869, prosseguindo regularmente até ao fim do mesmo ano.

De janeiro de 1870 a junho de 1872, esteve suspensa a sua publicação, sendo começada a segunda série em julho de 1872, havendo, porém, uma interrupção de dois anos e meio.

De julho de 1872 a maio de
(Continua adiante)

A ESTATUA DE CARNE.

(Impressões)

Escrever sobre um drama, quando se não é dramaturgo, quando pouco se tem frequentado o theatro, quando menos se tem lido n'este genero de litteratura, é uma temeridade.

Longe de mim tão arrojada pretensão; escrevo apenas as impressões da leitura e representação do drama—*A Estatua de Carne*.

Dizer que é magnifico, que faz honra ao autor italiano, como ao traductor brasileiro, seria repetir o que deve estar na consciencia de todos.

O autor buscou uma these nova no theatro, e que soube desenvolver com proficiencia e habilidade.

Nova no theatro, sim, porque na vida social não é raro o caso da influencia do amor sobre os costumes depravados de uma mulher perdida. Esta, embora consagrada só ao vicio torpe e á bacchanal desenfreada, tem sempre occulto no coração um resquicio de affectos sinceros; e se ha alguem que tenha o poder de acordar esses affectos, não é de admirar que essa mulher ame, e ame com todo o fogo do sentimento.

Uma mulher, que conta já até o numero de noventa amantes, que não sabe onde nasceu, como cresceu; que deita-se á hora em que o sol apparece resplendente de luz no oriente, e acorda quando elle some-se no occaso, que se proclama n'um corpo de baile a cortezã da moda, sujeita-se pelo Jinheiro a vir morar n'uma humilde casinha que um homem lhe offerece; e á força da indifferença d'este, que no entanto ama a sombra de outra mulher que já não existe, chega a amal-o com todoo vigor de uma primeira paixão, como se pôde amar aos quinze annos, como se pôde amar á uma mãe.

Façamos um resumo do drama.

Um conde, que se chama Paulo de Santa Rosa, é senhor de uma fortuna colossal, ao que parece. Natural seria que a escolhida de sua alma fosse uma mulher d'alta linhagem, de quem elle não tivesse de corar. A sociedade murmura sempre do homem nobre pelo titulo que não casa com uma mulher que lhe iguala pelo titulo tambem; mas o conde Paulo, desprezando estes prejuizos estolidos que pretende-se impôr como regra, apaixonou-se loucamente por uma menina de baixa condição.

Pensou o conde que aquella menina talvez o amasse pela sua fortuna, e para dissipar esta duvida que trazia fixa no espirito, resolveu viver modestamente, despir os seus titulos, chamar-se—Octavio o gravador, trabalhar assiduamente para sustentar-se, e fazer com que Maria o ajudasse na sua obra,—comedia da pobreza na opinião de Luciano David.

O resultado foi funesto: a morte de Maria, que não fôra fadada para o trabalho, e o desespero eo remorso a atormentarem o conde Paulo.

E' este o prologo do drama, mas é mister não esquecer uma das scenas mais tocantes, que o autor soube pintar para commover o espectador.

Maria acorda do seu somno de instantes; chama pelo seu Octavio, que vda a ajoelhar-se aos pés de sua adorada; ella abraça-o, olha-o enternecida e falla com a voz rouca:

« Dormi tanto! sonhei tanto! e que lindos sonhos que tive! Era n'uma manhã de primavera. Esta vamos ambos, eu e tu, n'uma campina verde, verde como se fôra alfombrada de esmeraldas. As flores espargião perfumes de embriagar, tão suaves, tão puros! Os passarinhos saltavão, pulavão alegres de ramagem em ramagem, segredando-se ternas cantigas de amor.

« Eu era bella, ainda bella...

« Não estava doente, estava sentada n'um banquinho de relva contigo a meus pés, e tu me beijavas as mãos, e as negras tranças, humidas de orvalho. Oh! vamos Octavio, eu amo a solidão e o ar perfumado das campinas. Leva-me para a collina, eu quero ver o sol despontar e as flores desabrocharem. Vamos, Octavio, vamos. »

O conde adverte-lhe que aquella agitação pôde mata-la: ella continúa:— Não, não... eu estou boa, sinto-me tão bem! Anjo do meu Deus, o que é isto que se passa dentro em mim? Um tremor convulsivo, bom, agradável, percorre todo o meu corpo! respiro com facilidade, fallo, movo-me com desembaraço! Estou sã! estou boa, Octavio! eu sinto a vida! eu não morro tão cedo! hei de viver e muito!—

Desgraçada! Aquella animação, aquella vida, erão prenuncios da morte que vinha perto.

Encommendou a alma á Immaculada Virgem Maria, e mandou-lhe o seu ultimo suspiro.

Um grito de dôr desprende o conde dos labios, e as lagrimas rebentão-lhe dos olhos.

Não era possivel que elle permanecesse mais no logar que lhe recordaria á todas as horas um drama pungente. O conde parte para a America, deixando como seu procurador o seu mais caro amigo Luciano David.

N'este meio tempo, apparece nos bailes mascarados da opera italiana uma mulher cynica e que na carreira do vicio tem descido até o derradeiro degrau. Essa mulher, porém, é o retrato, a imagem viva da defunta Maria; os gestos, a voz, tudo á excepção dos sentimentos, recorda a pobre victima do amor.

Luciano dá conta ao expatriado do phenomeno singular de que fôra mais de uma vez testemunha; aquelle não perde tempo e eil-o no baile da opera, fazendo justamente a sua entrada no momento em que mais delirante ia a festa.

Noemia Keller, assim se chamava a cortezã sem rival, entra no baile pelo braço do filho de um banqueiro, que tem dissipado grande parte da fortuna paterna na satisfação dos gostos e caprichos de sua amante.

Noemia é bella, como as creações sublimes dos pintores da sua terra; traja com luxo quasi oriental.

Na febre dos brindes, o conde bebe á morte, Noemia á vida do corpo, á saúde da carne!

Ao ouvil-a fallar, parece ao conde que Maria, a sua idolatrada Maria, quebrou a lage do sepulchro para voltar ao mundo...

Elle delira, quer abraçal-a...mas o desengano cruel chega quando ella conta-lhe quem é, quando lhe diz que só vive para o praser da materia, para os gostos do corpo.

O conde sente asco por tal mulher, mas a semelhança com Maria não pôde ser mais completa. Elle tem sabido sempre honrar a memoria da victima que fez, e todos os dias, no tumulto que lhe encobria os restos, ia depôr uma corôa de saudades roxas e orar pela sua alma. Não era possivel portanto dar o seu amor a quem o não poderia comprehender. Que fazer então? Por intermedio de Luciano David elle propõe a Noemia um factó extravagante; dá-lhe dinheiro, luxo, fausto, grandeza, pelo gosto de a contemplar tão somente duas vezes por dia.

Ella aceita, proclama-se na presença de suas companheiras de folguedos a amante do conde Paulo, e pouco depois eil-a na casa onde expirára Maria, condição que lhe fôra imposta no pacto.

Todos os dias, á hora convencionada, o conde Paulo vinha cumprir o seu dever; Noemia apresentava-se lhe sempre vestida de branco, elle contemplava-a silencioso...

e partia. De tarde demorava-se até ás 6 horas, occasião em que dirigia-se ao cemiterio de Sant'Elmo.

A indifferença por ella, o amor por um ente que já não existia, despertarão no coração da messalina impudica a chamma do amor; ella propria perguntava-se o que de extraordinario lhe ia n'alma.

Interroga o conde se a não ama, se a não amou, se não a amará nunca; a negativa formal a todas estas perguntas fere-a no seu orgulho e tornão-n'a ciumenta de um esqueleto, de um cadaver.

Estamos no 3.º acto.

O filho do barqueiro Adriani, tendo conseguido ver restabelecidos os creditos da casa de seu pai, vem offerecer á Noemia a fortuna que possui em troca de seu amor; arranca-a do isolamento para fazel-a voltar á vida de praseres de outr'ora : ella rejeita; diz-lhe que em outrós tempos cedeu ás suas rogativas, porque elle tinha aneis para os seus dedos e diademas de brilhantes para a sua fronte; hoje, porém, não era de convenção o amor que lhe acordára o conde. Este surprehende-os; arranca Adriani á falsa posição em que se collocou pela surpresa, com a confissão de que não ama Noemia, e aperta-lhe affectuosamente a mão. O moço, recuperando o sangue-frio, sae satisfeito pela vingança das victimas que Noemia tem feito no seu caminhar.

Ficão a sós o conde e Noemia. Ella falla-lhe de amor, e é escarnecida; explica-lhe como lhe nasceu no fundo d'alma esse sentimento divino—e elle ri-se, dizendo que não póde acreditar n'essa transformação tão rapida, pelos precedentes de Noemia.

Anciosa, ella pergunta-lhe:—

E se esses precedentes forez os de uma mulher que já não existe, que sumiu-se, que se repudiou á si propria ?

— Então...então...responde o conde... E as lagrimas vem-lhe aos olhos, e lhe embargão a voz. E ella percebe-as e n'um grito de alegria chama por Paulo. Elle abre os braços e chama por Maria, e quando vão cahir um nos braços do outro... batem 6 horas.

Era chegado o momento da costumada visita ao cemiterio. O conde vai sahir, mas Noemia, com a energia da mulher ciumenta, que se vê preferida por um cadaver, toma-lhe o passo, pede-lhe explicações do seu comportamento faltando á palavra dada como se fôra um villão...nem assim o conde attende.

Noemia ouve fôra as vozes de suas compauheiras de orgia, chama-as, pedelhes supplicante que lhe tirem dos pulsos as cadêas que os roxeão; aponta o homem que a tornou feia, quando ella era bella; que escravizou-a, sendo ella livre: arranca as vestes que traja, concita as suas convivas para uma orgia onde promette embriagar-se e sae correndo para ella.

O conde ajoelhado, e invocando Deus, pede perdão se tem peccado.

O 4.º acto passa se n'um jardim.

Chegam os convidados, as mulheres vestem com luxo; tudo é bello, tudo deslumbra, mas alguma coisa falta e que é sensivel—ha necessidade do sol para espargir seus raios sobre aquelle recinto, onde ha vida, onde nem longes de tristesa serião tolerados.

O sol appareceu; aquella festa seria monotoria se alli não fôra Noemia.

Como é bella !

Vem pelo braço de Adriani, a quem no entanto d'ahi a pouco repelle; o moço queixa-se de ter abandonado uma menina innocente e candida que o amava sem arte nem disfarce, para seguir os passos de uma seria que o engana e martyrisa.

Todos retirão-se para o interior, onde ha uma altereação séria; Adriani não quer consentir que Noemia saia senão com quem entrou; ella recusa seguil-o; é insultada pelo desvairado jovem com palavras inconvenientes; ella manda-o calar, quando o conde, que tem seguido sempre os passos da mulher que o abandonou,

que elle ama em segredo e que desejava de novo á seu lado, qualifica de miseravel o homem que insulta uma mulher!

Adriani exaspera-se e propõe um duello; Paulo aceita-o e alli mesmo escolhem os padrinhos. Os d'aquelle erão dois moços que procuravão acalmar-lhe a colera de que estava possuido; o d'este, é escusado dizer, porque todos terão de certo adivinhado: foi Luciano David.

O local escolhido para o duello foi o lado esquerdo da capella do cemiterio de Sant'Elmo.

Noemia de joelhos agradece ao conde o têt-a defendido, prova evidente de que a ama. Elle descobrindo-se exclama: Eu não a defendi, senhora: *defendi a imagem da minha pobre Maria.*

Estamos no ultimo acto, para mim o mais sublime do drama.

E' no cemiterio de Sant'Elmo.

De um lado ha uma capella allumiada pela frouxa luz de uma candeia; do outro uma sepultura, e uma cruz singela enlaçada por uma corôa de saudades. Ao fundo um gradil, e por toda a parte os cyprestes, que dão ao quadro um aspecto lugubre.

O dia vem rompendo.

Frei Anselmo, guarda do cemiterio, óra na capella.

Uma mulher vestida de negro entra sem fazer o menor ruido. Cobre-lhe o rosto um véo da mesma côr.

Olha para todos os lados, e pergunta pelo cemiterio de Sant'Elmo.

Essa mulher era Noemia.

O que vinha ella fazer na mansão da morte? Que sentimento piedoso a trazia áquelle logar?

Com a voz entrecortada pelas soluços, ella pediu que o padre a levasse á sepultura proxima. Malsabia a desgraçada que ali dormia o somno eterno Maria, a sua rival.

Ao saber que alli vinha Paulo orar todos os dias, Noemia ajoelhou-se e pediu que o ministro de Deus lhe ensinasse a rezar. Uma vida estava em perigo, e ella sentia que morreria se essa vida se cortasse. O padre disse-lhe que a oração não se aprendia; que a verdadeira oração, a que sáe do coração, é muda como a idéa, invisivel como o espirito.

Pelo fundo passão os duellistas e as respectivas testemunhas. Ella sente os passos, vai reconhecê-los e um brado de agonia sáe-lhe do coração.

Ouvem-se os tiros, e um presentimento diz a Noemia que Paulo sahio incolume do duello.

Caindo pe joelhos aos pés do sacerdote, em nome de Deus pede-lhe que a leve para a igreja que fica do outro lado.... ella nunca vira uma igreja.

Reconciliados depois do combate, Paulo e Adriani despedem-se protestando um ao outro amizade sincera e affectuosa. O primeiro com o seu inseparavel amigo Luciano David entrão no cemiterio, depois de vencida a repugnancia do padre que quizera vedar o passo a quem tingira as mãos com o sangue de um irmão.

O padre diz ao conde que a sua vida estava segura, porque uma mulher, tendo a alma traspasada de amor e de agonia viera orar por elle sobre a campa onde dormia a amada de seu coração.

O conde fic a como que surpreso: duvidar mais que se realisára o milagre do amor n'aquelle natureza viciosa, não seria possivel ainda ao mais incredulo.

Quando elle pede para ver a mulher que tomára tanto interesse pela sua vida, no topo da escada que vai para a igreja, assoma o vulto de Noemia.

O conde pensa estar sonhando; julga que os seus olhos o illudem; que na sua presença estava Maria.

Noemia diz-lhe com a voz compungida que não veio áquelle logar seduzir a sua piedade, ou implorar a sua clemencia.—Eu não sabia o que era amor e o Senhor ensinou-me a amar; eu não tinha crengas, o Senhor ensinou-me a crer. A'

memória d'este amor, ao culto d'esta fé, eu me consagro a mim e ao meu futuro. —Pede-lhe que consinta ao menos que ella seja sepultada, quando morrer, debaixo da cruz que fica perto.

Segundo a crença antiga, Noemia pede ao padre a sua benção.

O conde tinha coração, não podia deixar portanto de commover-se ao presentiar aquella scena de lagrimas e de sentimento. O seu amigo Luciano pergunta-lhe em que pensa quando elle parece absorto :—Penso que a estatua, como a Galathéa de Pygmalião ao sopro do amor, sentiu que o peito palpitava; que um raio de alma de Maria passou cento por encanto pelo corpo de Noemia; que embora porfiada, dolorosa e longa, triumphava sempre o espirito na lucta com a materia.—

O conde amava desde muito aquella mulher; seguia-a quando só como a sombra acompanha o corpo; partir, como projectára, agora que tinha a prova plena de ser amado com todo o fogo de um sentimento profundo, seria uma crueldade !

Elle fica portanto para viver das affeições de Noemia, que lhe recordava tambem a desditosa victima do amor—Maria.

Está acabado o drama.

Vai longo este artigo, bem sei, mas consintão-me mais dois periodos sobre os actores e actrizes incumbidos de interpretar o pensamento do autor.

D'entre todos, destaca-se o trabalho da distincta actriz Antonina Marquelou.

Consente-se-nos uma comparação?

Supponha-se um dia esplendido; a natureza é toda risos; o arvoredo é verde, e baloça-se ao sopro das brisas; o céu é azul, e despido de nuvens caliginosas; mas falta alguma coisa para tornar completa esta harmonia que deleita; falta o sol para animar. dar maior realce ás bellezas da natureza.

A companhia conta com artistas de verdadeiro merecimento, que se dedicão ao estudo dos segredos d'arte; mas Antonina Marquelou é como que o centro do systema, em torno ao qual gravitão seus companheiros, o foco de luz que sobre elles derrama seus fulgentes raios sem comtudo os offuscar.

Motta, Cabral Junior, Araujo, trabalhão magnificamente nos papeis do conde de Luciano, do medico e do padre.

A companhia estreou com a representação da *Estatua*; tanto bastou para firmar a reputação já vantajosa do seu pessoal e provocar os applausos dos espectadores.

A. de Billecourt.



BOY-TATA.

Lenda rio-grandense.

Todos os povos, os mais barbaros, como os mais, cultos têm as suas lendas mais ou menos verosímeis e phantasticas, ou trescalando maior porção de doçura e belleza.

O povo selvagem adóra essas imagens em sua idolatria; o povo civilizado ama e venéra essas crenças: aquelle por ser-lhe a sciencia um mysterio; este porque respeita n'essas tradições a innocente ignorancia de seus antepassados; porque vê n'essa extrema credulidade nos *mdos espiritos*, uma parte influente d'esse ingenuo fanatismo religioso dos primeiros tempos. Ou quando não por esta causa, reconhecem e aceitam essas lendas como a fabula nacional, como as bellas imagens da poesia nascente.

O philosopho despreza ou condemna com seu rir de sarcasmo, aquillo que nas tardas horas canta o poeta de concerto com os harpejos do sonoro alaúde, a beira do lago azul, em cujo plano o astro da noute traça na projecção de seus raios mil phantasmas de prata, que ao mais tenue beijo da brisa agitam-se em mil phantasticas fórmas.

A historia não as consigna, a sciencia recusa-as, mas os poetas cantão-as; e essas crenças supersticiosas, essas lendas tão lindas, tão unguidas do bello ideal, passam no verbo de uma geração á outra, que as transmite á posteridade, sempre com as cores animadas e revestidas da naturalidade e belleza nacional.

No Oriente, como nos paizes do centro e norte da Europa superabundão as lendas, e a Allemanha, a illustrada Allemanha, com especialidade, fez d'essas historietas mysteriosas uma das mais bellas partes da sua litteratura.

Como as ruinas dos castellos gothicos, que o Rheno assoberbado pelas moles de neve que o sol da primavera começa a fundir, lambe de suas margens, e rola-as na caudal impetuosa á immensas distancias, onde as lança á praia, ou forma com esses fragmentos esculpturados um escólho, que na baixa do nivel de suas aguas descobre, mostrando-o como obra da magia e do encanto; nós temos tambem em nossa bella Provincia capões, cavernas e lagôas encantadas ou mal assombradas, que dão origem a muitas e lindissimas lendas.

Entre as mais populares, citaremos a do *Boy-tatã*.

Boy e *tatã* são duas palavras guaranys que significão, serpente e fogo, e que naturalmente forão applicadas, ou que assim devemos entender que o forão, designando — o *fogo-serpente*, ou o *fogo que serpenteia*, visto tão bem adequar-se ao objecto de que nos occupamos; de definir tão tacitamente essa luz vaga, que conhecemos pela denominação de *fogo ephemero*, ou *fogo fátuo*.

Bem raro será entre os leitores que tenham viajado pela Provincia, que não

hajão visto alta noute essa chamma côr do Iris, luzir e apagar-se repentina; cruzar lentamente as vastas campinas, ou saltar veloz de eminencia em eminencia, scintillando como uma grande estrella sobre a fronte escalvada dos Tapes, corôando com rutilo diadêma a fronte alpestre do primogenito dos Andes, o altivo Botucarahy, ao mesmo tempo que igual corôa ignea laurêa a fronte verde-negra do Itacolomy, e que outras tantas almenaras brilhantes deslumbrão nas cambiantes chispas o viajor que cruza as aureas asperezas da serra das Lavras.

Supponha pois, o leitor, que viaja na Provincia de S. Pedro do Sul.

E' Sexta-feira, começa a fechar-se a noute, mas querendo vós aproveitardes um dos bellos plenilunios de Maio, viajais acompanhado de tres camaradas, em Missões, por exemplo, entre as extinctas reduções jesuiticas.

Haverá uma hora que o astro esplendido do dia desapareceo nos seios da serra, e que a luz desmaiára agonisante as portas do alcáçar das sombras.

E' cedo ainda para que a rotunda romeira, a noctivaga viajante comece a sua passagem por sobre vós.

No entanto, a noute envolve-vos em seu véo de nankin; estaes immerso em profunda escuridão.

Na estrada vermelha calcada ao attrito dos viandantes, e de immensos cordões de carrelas, que diariamente transitão-a, conduzindo dos Hervaes para Itaquy, ou qualquer das outras villas que o Uruguay margêa, o matte, esse producto um dos mais importantes da industria e commercio da Provincia, resôa com som cavo e lugubre o tropel de vossos corseis fogosos a resfolegarem, espumantes as ventas, os olhos activos, as orelhas trocando-se ligeiras, e rangendo os dentes no ferro do freio que mascão. Além d'este ruido surdo o silencio é pavoroso, inda que quebrado pelo bater das grandes rosetas das pesadas chilenas de vossos companheiros sobre as rodelas de prata, como cadenciando o trotar das cavalgaduras em monotono linir, quando de repente sobre o dorso curvo de uma das mais elevadas *cuxilhas* proximas, a mysteriosa almenara abre o leque de fogo, e passeia da saliencia ás dobras do terreno e remonta á outra eminencia, alternando a côr de sua chamma pyramidal.

A' sua apparição vossa comitiva estatêla; o cavallo estremece entre vossos joelhos e estaca tambem.

Voltae-vos então e tereis um quadro digno de ser apanhado por um habil pincel.

Os tres camaradas que vos acompanharem, homens capazes de lutar braço a braço com um gigante, de acommetter o mais feroz dos tigres com sua adaga, ou simplesmente com as *bollas*, estarão estuporados e a tremer como a vergonlea do sarandy que a correnteza agita: um deslisando-se do cavallo, cahirá de joelhos com o rosto occulto entre as mãos, balbuciando uma oração, que a custo reconhecereis ser o *Crêdo*; outro riscará com a ponta da adaga um *Signo Salomão* na cabeça do lombillo, atravessando-a depois na boca, prendendo-a nos dentes com o gume para fóra e a ponta para o lado do *Koy-tatá*; e finalmente o ultimo, desapresilhando dos tentos o laço, cuja armada corre, meneia e lança para aquelle lado, até estirar a ultima rodilha das muitas em que estava elle colhido.

Ao presenciardes essa scena curiosa e estravagante aclarada por tão deslumbrante phanal, sentireis, sem duvida, algo de compaixão por vossos ignorantes companheiros de viagem, e difficilmente podereis suster o riso que vos provocão seus authomaticos movimentos, e a gravidade e recolhimento com que responsão.

Oh! mas não ride, por caridade! porque esses homens vossos amigos até a ultima gotta de sangue, tomados de horroroso susto serião capazes de immolar-vos para que a vossa ironia ou hilaridade não exacerbasse a furia do *espírito errante*, que, segundo elles crêm, — anda cumprindo o seu fadario na terra até que Deus lhe perdôe os seus peccados, ou que alguma alma bemdicta o ouça e saiba d'elle onde estão enterrados os seus thesouros, afim de os desinhumar e repartil-os com os parentes e os pobres, depois de retirada a quantia sufficiente para as missas em intenção de sua alma; ou que se encarregue de pagar a promessa que aquella *alma*

penada deixára de cumprir; e cujo fogo, mesmo de longe, queima os de quem não gosta, cega com seu fulgor ou faz ficar vidente.

Então se vos voltardes será preciso perguntar-lhes repetidas vezes o que fazem, para ouvil-os, gelados de terror, responder a mêdo, tapando a boca com as mãos e muito custo, n'uma exclamação mysteriosa :

— E' o *Boy-tatá* !

A chamma prosegue a sua derrota, e a proporção que vai oblicando, elles vão lhe dando sempre a frente receiosos de que o fogo salte sobre elles e os venha queimar de *atraição*.

Extingue-se, porém, a luz que vos estava mais proxima na mesma occasião em que outra resplende lá ao longe, (o que os faz acreditar que o *Boy-tatá* salta grandes distancias, e que só se deixa ver quando já está perto da pessoa a quem deseja fazer mal) vossos companheiros, aproveitando o ensejo, não montão, saltão sobre os cavallos ; os estribos não lhes são necessarios para a ascensão aos arreios ; e vossos cargueiros e vós mesmo sereis forçado a seguir-os a toda brida, ou a *trote chasqueiro*, para qualquer rumo, com tanto que seja diametralmente opposto áquelle em que está o *Boy-tatá*, seja elle embora contra a direcção que pretendieis seguir ; e se os não quizerdes acompanhar, deixar-vos-hão isolado em meio da estrada.

Se ao contrario, os seguides, vel-os-eis, como por instinto, cruzar banhados e mattos, ora seguindo a estrada real, ora abandonando-a por um apagado trilho, ora cruzando campos e indo de novo encontrar a estrada além, até que d'abi ha poucos momentos um vulto informe se apresenta em vossa frente, e o —*ó de casa*— vos vêm quebrar o timpano dos ouvidos de mistura com o alarido, que fazem uma infinidade de *jaguáras* e o rosnar ameaçador dos robustos e formidaveis cães de fila.

Estaes pois, a porta de uma misera chõça colmada de *santa fé*, *tiririca* ou *mucéga*, de paredes de estuque mal barreadas, onde o frio, o sol e até a propria chuva coõo-se sem o menor embaraço ; e onde vos obrigão a pernoutar os vossos camaradas, por causa do *Boy-tatá*.

Habitão ordinariamente estas estreitas e miseras vivendas um velho *Xirú*, ou algum dos agregados do dono da fazenda, de que são elles os *posteiros*, com sua familia, que nunca é maior em idade (por causa do recrutamento), nem menor ao numero de oito filhos. E por isso quando lhes perguntardes quantos filhos têm, não vos admireis de ouvil-os responder que são —*pae de oito familias*, porque elles contão cada filho por uma familia.

Dous compartimentos dividem suas habitações, a sala e a alcõva ; n'aquella recebem as visitas e os hospedes, e n'esta estão seus catres cobertos de couro, e á um lado uma trempe formada de trez pedras ; do tecto, amarrado n'uma guasca pende um comprido gancho de páo, em que põem as panellas ao lume ; de sorte que esta segunda peça lhes serve simultaneamente de cozinha e dormitorio.

A hospitalidade é por elles considerada um dever, não só de equidade, porém obrigatorio ; e por isso imaginae sem mais preambulos estardes sentado junto a um brazeiro tomando *malle chimarrão*, que está *sevando* um *piá*, em quanto um venerando ancião, o dono da casa, vos conta a seguinte historia, respondendo a vossa pergunta : o que é o *Boy-tatá* ?

— Graças a Deus Nosso Senhor Jesus Christo, diz elle inclinando-se em signal de recolhimento religioso, eu sei rezar o *Crédo*, e por isso o *Boy-tatá* nunca me perseguiu, e nem eu pude vê-lo bem de perto ; mas meu avô, que era corregedor d'uma das reduções dos santos Padres Jesuitas e homem de verdade, disse-me muitas vezes que esse *espírito máo* era a alma d'um *Ilhéo* muito usurario, que morreo fóra da graça de Nosso Senhor, porque nunca quiz se confessar, para não revellar onde tinha enterrado seu dinheiro, e que por isso não podia entrar no céu e tinha sido condemnada a andar errando pelo mundo até que alguém lhe quizesse fallar, afim de saber onde estava enterrado o thesouro, e com elle mandar dizer missas por sua alma e repartir o resto em esmolas.

« A historia do *Ilhéo* é assim ;

« Quando os santos Padres Jesuitas viêrão para cá, já havia um *Ilhéo* muito rico e muito máo. que não dava pousada a *ninguem*, nem emprestava cavallo ao viandante que tinha cançado o seu ; dormia sobre os *surrões* em que guardava as suas onças, doblas, meias doblas e patações, porém, que com a vinda dos santos Padres, principiou a dizer muitas herezias e foi n'um capão e enterrou-os, em um lugar onde cinco pinheiros fazem uma cruz, e ahi todas as noutes ia vigilar, e as vezes dormia no lugar em que os tinha enterrado.

« Foi uma Sexta-feira de noute que isto aconteceu.

« Estava elle dormindo, quando lá as tantas da noute cabio uma tormenta que parecia querer deslocar as penhas e arrancar os pinheiros, o *Ilhéo* assustado accorreu-se gelado de medo e de frio, mas em lugar de rezar, poz-se a chamar pelo *Cão sujo*, e a cada raio que rebentava elle exclamava : Demonio ! com seis mil religiões de demonios ! que esta maldicta chuva vai me fazer apodrecer os *surrões* que tem dentro os meus thesouros.... e outras heresias mais ; quando as trevas se tornarão mais compactas e succedeo um silencio de morte.

« O usurario pensou que tinha passado o *pampeiro*, e em lugar de agradecer a Deus Nosso Senhor, ou a N. S. da Conceição, disse : ora graças ao Diabo, que soce-gou !

« E tanto chamou pelo Diabo, que este lhe appareceo, disfarçado n'um touro osco *negro* com guampase olhos de fogo, resfolegando labaredas pelas ventas, com clinas de pôtro *bayual*, cauda de macaco, e patas de tigre, e lhe disse :

« Aqui estou meu irmão, o que me quereis vós, que me chamaste tanto ?

« O *Ilhéo* não respondeo nem a primeira, nem a segunda pergunta do *Tinho-so*, mas á terceira disse zangado :

— Quero dinheiro ! muito dinheiro !

— Terás tres vezes mais do que o que o tens enterrado ali, disse o Demo, apontando para a preciosa sepultura, mas é com uma condição. Quer ?

« O *Ilhéo* quando ouviu elle dizer «tres vezes mais do que o que tendes ali enterrado,» e apontar o lugar, sentiu um calafrio mortal coar-lhe todo o corpo, e congelar-lhe até a medula dos ossos : porém — o *terás tres vezes mais*, era-lhe muito mais agradável, e deixando se arrastar pela sêde do ouro, por sua infrene ambição disse :

— Quero o dinheiro e aceito a condição, pouco me importando qual ella seja... Mas antes quero o dinheiro.

— Pois bem, disse-lhe o Diabo, d'aqui a sete dias espera-me aqui, que meus irmãos l'o trarão.

« E com effeito na seguinte Sexta-feira, estava elle já desesperado de esperar, quando um tropel surdo como o ribombo longiquo do trovão se fez ouvir ; o *Ilhéo* crêo ser uma tropa que *refugava* e disparava da *ronda*, e sorrio-se contente, contando já que d'essa tropa muitas rezes ficarião perdidas em suas invernadas, e sahio a vêr se as podia distinguir, quando vio uma procissão de mais de mil luzes, que o vinha encontrar.

« Fizerão o pacto o *Ilhéo* e o Diabo no som de festivos cantares da multidão de Demonios ; mas á cada onça que contavão, um gemido pungente restruglia na malta.

« O *Ilhéo* recebeu o dinheiro, e acabando de assignar o documento em pergaminho, todos os Demonios velhos e moços, grandes e pequenos derão uma gargalhada horrorosamente estridente e tudo desapareceo.

« Os santos Padres Jesuitas excommungarão o usurario.

« Desde essa noute todas as Sextas-feiras a meia noute em ponto, a casa do usurario ardia em lingoas de fogo da côr da chamma da caxaça, e no outro dia ia se vêr e a casa estava tal e qual. A procissão dos Demonios andava dispersa aos cazaes *parando rodicio* e atropellando o gado campo fóra toda a noute.

« Uma noute porém uns viajantes que não sabião que esse lugar era *mal asombrado*, viêrão dar ahi, mas encontrarão uma porção de homens embuçados em

capotes pretos, todos gemendo ao redor da casa, que estava ardendo e d'onde de repente saltou uma luz sobre cada um d'elles, e os matou a todos, queimados.

« Desde então todas essas luzes se espalharão pelo mundo, e andão por toda a parte a fazer mal.

« O Ilhéu tinha morrido e essas luzes erão os pedaços da sua alma, que os Diabos repartirão, e que andão errando sempre entre o fogo; e é isto que é o *Boy-tá*; que é um *espírito máo* que persegue a todos os peccadores. »

—E' esta mais ou menos, senão a mais bella, uma das lindas lendas, cuja narração me foi confiada, e que o mais que pude esforcei-me em approximar de sua originalidade.

José Bernardino dos Santos.



A proposito de um livro.

Admirar o que é bello; sentir o coração abrir-se a doces emoções e a imaginação deleitar-se; sentir a alma acalentada ao som de canticos de harmonia linda, elevar-se até Deus, é viver desprendido do mundo, respirar o halito dos anjos.— A poesia, a verdadeira poesia, aquella que nasce no coração, e fragrante e suave se desprende, faz d'isto; divinizando o poeta, abre-lhe um céu brilhante, e seduz e interna no mesmo céu aquelles que o comprehendem.

A expressão mais alta e nobre do pensamento humano é, como diz Gérusez, a poesia; ella eleva-se tanto acima de suas manifestações habituaes, que a antiguidade não a pôde definir senão pela intervenção directa da divindade.

Nos transportes poéticos o espirito do homem parece não pertencer-lhe; é como que levado pela impulsão de uma força superior e estranha.

A poesia é na alma o sentimento vivo do bello, do sublime e do ridiculo, trindade que constitue a esthética, e á qual reunindo-se a faculdade que escolhe e que combina as imagens, ou a idealisação e o movimento da alma que a leva a exprimir as suas emoções e as suas idéas sob uma fôrma sensível, têm-se todas as condições psychologicas da poesia, isto é, —o gosto e o genio.

Multipla em seu objecto, a poesia está em contacto com tres mundos diversos: a humanidade, a natureza e Deus; fontes de onde ella emana, brilhante e variada. Encontra-se a poesia nas paixões da humanidade e em seus infortunios, no espectáculo da natureza, e na contemplação do poder infinito do Creador.

Pela combinação e escolha d'estes diversos elementos é que o poeta pôde fazer vibrar todas as fibras da alma, excitar a admiração, o temor e a sympathia, arrancar lagrimas ou provocar o riso, e produzir nos outros as emoções que experimenta. Para este fim dispõe a poesia de dous meios— o som e a materia, é ou phonica ou plastica.

Não nos demoraremos fazendo considerações sobre estes dous meios; diremos apenas que, o primeiro por suas diversas modificações presta-se á expressão de todos os sentimentos, de todas as idéas, e mesmo á pintura de todas as fôrmas phycas, sendo por conseguinte o mais poderoso órgão da poesia, pondo em relevo, e de um modo admiravel e preciso, a alma humana, ainda que as vezes não convenha senão á expressão dos sentimentos, como a musica, que presta-lhe entretanto um poder maravilhoso, já pela melodia, pela harmonia e pelo rythmo, já pela intensidade da sua multiplicidade de sons.

Veamos agora qual o fim da poesia em geral.

A poesia, qualquer que seja a sua fôrma e a linguagem empregada, não tem por fim a exactidão da realidade; pois em todo caso, tendo esta sempre sobre as produções d'aquella a vantagem da vida e do movimento a venceria de antemão. A poesia não pôde crear os diversos elementos de suas obras, crea um ideal, e d'este pretende sempre a realisação; ella concebe além do que vê, e tende a realisar o que tem concebido.

D'este modo é que ella tem creado esta grande familia ideal, cujas figuras são mais verdadeiras, se assim se pôde dizer, do que a realidade, visto que mais se approximão do typo divinõ, do qual a sociedade humana é apenas uma imagem alterada.

Purificar as almas pelo espectáculo da belleza, elevá-las pelo sentimento da admiração, fortificá-las pela pintura das paixões, das misérias e das grandezas da humanidade, é a missão da poesia. Sem ella a humanidade, continuamente curvada para a terra, encerrada no estreito circulo das necessidades phisicas e dos interesses materiaes, não seria senão o complemento do reino animal, como diz Géruzez, e nunca a intermediaria entre Deos e a natureza.

Paremos, e digamos algumas palavras com relação ao livro que nos levou a estas considerações.

Flôres dispersas — é o titulo de uma bella collecção de pœsias de D. Julia Maria da Costa.

Flôres tão fragrantas, tão vivas, a exhalar tao gratos perfumes, só nascidas em coração virgem, e rociadas por prantos gerados no mais intimo e justo sentir.

São o reflexo de uma alma candida, que embalada pelas brisas do norte, sentiu cedo o infortunio estremecer-lhe, entristeceu e cantou, descrevêa talvez do mundo, onde nublarão-se-lhe as mais doces afeições.

Sentimos não dispôr senão de limitado espaço n'esta revista, ficando-nos vedado assim o prazer de apontarmos aqui, e com vagar, os mais bellos e inspirados cantos de D. Julia da Costa; entretanto tocaremos em alguns, e dir-nos-hão depois os leitores se os tem visto mais puros e mimosos a expressar genio fecundo e coração singelo.

O primeiro canto, doce e fluente como as notas que vibrão do orgão, dedicou-o a poetisa ás suas flôres; começa assim:

Sombra de um dia, que sorris á mente
N'um turbilhão de gosos embebida,
Não é a ti que os innocentes carmes
Vão buscar entre a turba fermentida.

Passa, pois, socegada, que o caminho
Se para ti de gosos é ornado,
Minha lyra jámais t'irá insana
Buscar n'esse teu mundo povoado.

Depois, dirigindo-se aos que, como ella, sentem na orphandade, diz:

Nobres peitos que um dia já sentistes
A pungir-vos o espinho da orphandade,
Relei estes meus versos resentidos,
Estes versos gerados na saudade

A naturalidade d'estes versos, a cadencia, e a tristeza que d'elles tressua, encantão e fazem-nos sentir ternas emoções, assim como a quadra final onde a poetisa pede ás suas irmãs de sorte que não despresem as suas flôres:

E as recebei, dando-lhes vida e côres,
Luz matinal e docês alvoradas!
Da joven orphã que soluça e chora
Não despreseis as vozes magoadas.

A poesia — *Quizera* — é um mimo, é uma das mais bellas flôres que Julia cultivou, e a que deu vida e essencia. A poetisa terminou este canto com quatro versos que lhe valem uma corôa. Dirigindo-se á imagem que vira em seus sonhos errantes diz:

E' linda, tão linda qual c'ôrã mimosa
Que a fronte morena de um anjo abrilhanta;
Qual perola rica do solio sagrado
Cahida nas dobras do véo d'uma santa!

Que nobreza de idéal Que dizer mimoso o d'esta comparação, onde a simplicidade faz realçar a belleza poetica !

Continuemos. A poesia — *Meu astro* — é um outro primor. E' lindo quando ella pede ao seu astro que lhe aclare o mundo:

Oh! brilha, meu astro, derrama teu brilho
Nas aguas sentidas do placido mar !
Minh'alma esmorece de dôr e recio,
Não posso nas trevas, sem luz caminhar !

Se a nevoa se estende, se o vento da noute
Nas ondas soluça, minh'alma estremece !
Se a noute tem trevas, se as trevas saudades,
Meu peito saudoso de dôr se entumesce.

E' sublime esta outra quadra :

O espaço que é negro cortando n'um vôo
N'um dia de gloria te irei procurar ;
Oh ! guarda-me os lyrios dos prados celestes
Que as rosas da vida te hei de eu levar.

Julia, a quem talvez algum resentimento fez proferir jura eterna, promette não desfolhar as suas rosas, e sim levá-las a formar corôas no céo, entretecidas de lyrios.

Vejamos outras.

Desesperança — é uma poesia excellente ; vê-se n'ella o reflexo de um coração eivado de tristeza, ainda que dos annos na flôr. A poetisa sente que lhe é negra e mesta a vida, que os astros brilhantes, os campos e os laranjaes em flôres odorantes só lhe fazem chegar aos labios threnos sombrios. Chora o passado e treme pelo futuro ignôto.

.
Mas de meu sonho é a illusão perdida !
E geme o peito, em quanto a alma chora !

Apontemos agora uma outra poesia — *Folhas de rosa* — das mais lindas da collecção, e que certamente põe em relevo o genio de D. Julia da Costa. Citaremos alguns trechos :

Vi-te em meus sonhos scismadora imagem
Entre roupagens de rosada côr !
Dias de flôres idêci na mente,
Em ti pensando, solitaria flôr !
Cresci, minh'alma se tornou tristonha,
Porém, ainda com teu rosto sonha...

Desperta .. tudo se extinguiu triste,
Só via a lua a fulgurar formosa !
Corria os montes, dispersava as aves,
Feria os echos da mensão saudosa !
Mas não te via... me faltava o alento
Perdido em prantos, e no meu lamento.

N'estes versos vê-se muita riqueza de imaginação. D. Julia entrevê em sonhos sempre uma imagem a que se dirige, e avido o coração de esperança, crê n'ella até que desperta, a procura em vão, mesmo na nuvem que á tarde lhe fallava de amor.

Um dia, louca, te julguei na nuvem
Que á tarde vinha me fallar de amor.

E depois :

.....
Amei a nuvem... nos meus sonhos bellos
Não mais te vi a me acenar contente.

Pranteia então Julia a sua sorte, e em doces e admiraveis versos diz :

Ai ! que soluços no tristonho canto
Da lyra minha desferi então !
Busquei-te em ancia soluçando hymnos
Vibrando cantos de infantil paixão !
Buscava um'alma que entendesse a minha
E busco-a ainda, e o coração definha !

Buscava um'alma que entendesse a minha
Na terra, ou céos, na immensidade ou nada;
Buscava flores de infantis perfumes,
E achava espinhos na escabrosa estrada !
Buscava harpejos de celeste enleio,
E somente ouvia o coração no seio.

.....

Querem mais bellezas, mais suavidade e sentimento ? Não serão estes versos uma vibração do coração que sente e definha ? Julia preludia, e seus sublimes cantos embalão-lhe a alma como os cantos de Electra embalavão a de Oreste.

Temos citado diversos trechos de algumas poesias de D. Julia Maria da Costa, que cremos terão bastado para dizer aos leitores o que é ella em relação ás poetisas celebres da nossa terra, que, com quanto tenham merecido um logar distincto na litteratura patria, jámais excederão seus cantos ás harmonias de Julia ; nos deteremos, pois, agora, e apenas pelos respectivos titulos mencionaremos algumas outras produções, que certamente importão uma corôa virente á poetisa inspirada e sentimental.

Lyrio branco — A lua — Ao lago — Minha terra — Saudades — Esperança — Desalento — e — Lembranças do baile, — são oito flores mais a ennastrar á corôa de Julia.

Ao terminar pedimos á modesta joven que haja de perdoar-nos a má apreciação que fizemos do seu bello livro, tendo em conta, além da nossa inaptidão em materia tão difficil, a pressa com que escrevemos estas impressões nascidas de uma rapida leitura

15 de Maio de 1869.

Araújo e Silva.



EMENTARIO MENSAL.

Começão a desprender-se dos ramos as primeiras folhas; as veigas amarellecem, o céu torna-se livido e o sol morno e sem brilho; os passaros transmigrão ou internão-se na espessura dos sertões, emudecem finalmente; a natureza despoja-se de seus esplendores e mumifica-se; e a aurora envolvida em seu longo albornoz de neblina surri tristemente ao lavrador que recolhe os ultimos fuctos da sazão, como a jovem noiva se despede dos folgaes de virgem, da estancia gazil, onde a sombra da guarda paterna adormecia incuidosa entre os perfumes de sua innocencia e as caricias da esperanza e dos mais castos affectos; como o seu ultimo adeos aos enfeites com que se tornava mais bella, aos bailes de que era a rainha, ás amigas e companheiras de sua vida de menina e moça.

Serão por ventura, tão tristes auspicios, um máo presagio para este numero da *Revista* que nos está confiado?

Talvez, mas não o crêmos... e desanimar seria uma covardia de que somos incapazes. A mocidade não recua nunca, quanto mais renhida for a luta tanto maior será o desejo de vencer. Ella como Danton bradará em seus desfallecimentos—*audacia, audacia, muita audacia!*

E depois, desanimar porque? Não é o mez de Maio tão celebrado em todos os tempos, o de que nos occupamos? Sim, e para glorificar-o ali estão a antiguidade pagã, que o consagrara a Maia; a soberba Roma, que renovava o fogo nos altares de Vesta, na primeira kalenda d'este mez; e o christianismo que o escolheo para solemnisar a maternidade de Maria.

Não era ainda em seu primeiro dia que no interior da Allemanha, e ao meio-dia da França, costumavão nas aldêas os amantes erguer em frente a cabana de suas noivas a *arvore de Maio*, e adornarem as suas portas com festões e corôas de hera e de flores? Não é finalmente entre nós, este mez, o em que se celebra a festa do *Es-pirito Sancto*?

Que importa, dicesse Horacio:— os fachos do Hymineo que se accenderem em Maio se transformarão logo em cirios funerarios? Que vale esse aphorismo francez— *mariage de Mai, mariage de mort*— se a morte é a unica realidade da vida, e a vida é luta continua e terrivel? Morrer aos ultimos lampejos do sol de Maio, a hora mystica de seus crepusculos, cahir com as primeiras folhas das arvôres, é continuar um sonho; é passar sobre o iris, de um mundo de miseria e torpezas á outro de almas e eternas delicias.

Não, não se póde desanimar; porque, se com o mez que finda esfolhãose as ultimas rosas agitadas pelo offegar das Pampas, que torna hirtos nossos cabellos, roubando-lhes com a flexibilidade o lustre e os perfumes; se a carne dóe ao passar trez mezes por esse hórto de desolação, que se chama inverno; atravez uma natureza nua de todos os attractivos: os astros do céu de Maio derramarão seu fluido magico até o seio d'alma e as flores do coração reanimarão-se, como ao calor de seus beijos a natureza exhalára o derradeiro suspiro, e os passarinhos os ultimos cantares.

Se a materia entorpece, o espirito vigila: sobre a fria pyra de marmore arde o fogo da Divindade: a imaginação eleva-se ás regiões superiores, onde nunca chegão os mais altos cabeços das geleiras. E d'esse mundo ideologo, ha como uma doce refração que illumina o mundo real, que o apresenta bello, magesto-

so e grande no lar domestico, iriando o painel primoroso do sublime Artista — o quadro da familia. O amor frivolo e louco esfria ao tombar da neve, assim como se fanão as flores de venenosos perfumes apenas aspiradas; e enquanto o corpo alquebrado restabelece as forças no lethargo regenerador, o espirito se fortifica nas virtudes domesticas e se robustece no estudo.

O inverno é a estação de poeta; então elle vive na terra: entre os germens da primavera e as ruinas do outomno seu pensamento remonta ao passado e o fecunda: vive das recordações— estas são sempre bellas! O passado é um mestre sabio, suas lições são uma segurança do futuro.

É o mez de Maio é, por excellencia, o que mais numerosas e gratas recordações nos deixa: em seus dias tão lindos, as esperanças renascem com os risos de seu *veranico*; e nas festas que durante elle se celebrão, creão-se novas illusões ao mysticismo de seus plenilunios e na calma tepida e doce de sua quadra excepcional.

Este anno então, foi elle immensamente bello; os bailes, o theatro, a festa da Maternidade e do Espirito Sancto são titulos que o recommendão, e que o farão transparecer risonho e lindo durante as longas noutes da estação hibernica, como um quadro d'encantamento, como o mundo phantastico dos poétas, como um sonho de virgem, como as esperanças de um primeiro amor sorrindo-se aos mysterios do por vir.

Nem é só a natureza que no inverno se despoja da pompa ou as occulta sob as vestes graves e serias, não; o homem tambem despe as louçanias, e se a lã substitue a seda de seus vestidos, tambem de seu espirito desaparecem os prazeres chimericos, e elle se recolhe em si mesmo; a gala, a loucura e o prazer cedem o lugar á outra trindade mais grave, porém mais perfeita e magestosa—o lar domestico torna-se em seu templo, a familia é então uma verdade sublime que transluz no labyrintho da loucura; o fogo é, se o quizerem, a gala mesclada a necessidade physica, e o serão familiar e o estudo tornão-se os unicos objectos de prazer.

Tal é o mez de Maio, o das ultimas rosas, dos derradeiros risos, e da festa tradicional do *Espirito Santo*, tão bella na crença religiosa como nas cores originaes com que ella se desenha, a unica que ainda a civilisação não deturpou. É elle quem deo-nos em cada um de seus dias assumpto e os diversos factos de que nos vamos occupar n'esta ligeira chronica.

Comecemos pois; para banalidades sobrão os periodos que acima ficão; e seja —*res non verba*— a nossa divisa d'óra avante.

—Acanhadissimo em extremo é o espaço concedido ao *Ementario*, para que nos espraieiros em amplas considerações sobre o que tivermos á dizer; e por isso, passaremos rapidamente sobre a litteratura estrangeira, consignando apenas a noticia de algumas publicações que maior acceitação hajão obtido; e taes são as seguintes:

A Condessa de Monte Christo, que é, segundo crêmos, a continuação do celebrado romance de Dumas, e talvez a refutação da *Mãe do finado*, que tão rijamente carregou sobre Edemundo Dantés. Este romance desperta-nos a curiosidade. Quem será a Condessa de Monte Christo, se todos os que podião usar d'este titulo forão extinctos por cruel fatalidade?...

O Christianismo e o progresso é o titulo de uma importante obra do Sr. D. Antonio da Costa, publicada em Lisboa, e que segundo a imprensa portugueza é um livro notavel, que assim recommenda:—« Estas palavras extrahidas da conclusão podem servir como de argumento de uma obra que se recommenda debaixo de diversos aspectos:

« Vêmos de um lado o christianismo produzindo sobre os costumes e sobre as leis os progressos que dimanão das suas bazes. Vêmos de outro lado a sociedade moderna forcejando por desenvolver as grandes idéas da liberdade.

« Estas duas nobres causas, cuja harmonia intentamos patentear, não deverão formar uma só causa para o caminhar da humanidade, sendo esta harmonia a bandeira onde se alistem as novas gerações? »

Não é sem certa superstição, pois baseamo-nos em um presentimento, que cremos este livro seja o de que dá noticia um correspondente europeu ao *Correio Mercantil*, o anno passado, sob o titulo—*Influxo do Christianismo na civilização*, que deveria apparecer brevemente, sendo seu autor o Sr. D. Antonio da Costa de Sousa de Macedo (*), e sobre o qual se fizerão, entre outros juizos, este, de competente autoridade para poder julgar-o convenientemente: « O Sr. D. Antonio da Costa Sousa de Macedo, tem concluido um livro sobre o assumpto indicado n'este titulo, e brevemente o dará á estampa. Ha n'elle paginas e muitas dignas de Chateaubriand. Este juizo não é dictado por considerações de affecto: é a opinião de quantos lhe ouvirão a leitura. Os capitulos ácerca das mulheres e ácerca das crianças são de uma formosura completa. O autor é um pensador profundo, e um prosador dos mais brilhantes. »

Obra de uma rainha.—A rainha Victoria revê actualmente uma obra muito curiosa que escreveo depois das suas *Memorias*, ultimamente publicadas.

Todos os familiares da rainha em Balmoral pertencem a tribus ou familias diferentes de Escocia e cada um veste o traje tradicional.

A augusta artista fez os seus retratos de corpo inteiro, e acompanha-os uma lenda historica ácerca da familia a que pertence o personagem representado.

Esta nova obra terá dous volumes e será brevemente publicada.

Chronica das côrtes constituintes em Madrid.—O Sr. Rodriguez y Morales começou a publicar a *Chronica das côrtes constituintes em Madrid*, que conterá: as sessões na sua integra com os discursos pronunciados pelos representantes da nação; as leis e decretos promulgados pelos poderes publicos; a resenha de todos os grandes successos politicos em Hespanha, que tenham logar na época constituinte; e a d'aquelles que mais ou menos directamente influirão na marcha da revolução hespanhola.

É uma obra da actualidade que, sem duvida, encontrará a acceitação de todos os que desejarem estudar a historia dos ultimos annos, deste paiz, onde houve logar uma revolução sem precedentes em todo o mundo, e para o qual se dirigem actualmente as vistas de todas as outras nações.

Medico a força.—É o *Medecin malgré lui*, comedia famosa de Voltaire, que o Dr. A. Feliciano de Castilho, corrigindo, verteo em portuguez, e a que deo o titulo acima.

Este Sr. Castilho, não precisa mais das nossas recommendações.

Historia Argentina.—Com este titulo annuncia a imprensa platina um notavel trabalho do ex-presidente da Republica Argentina, General D. Bartholomeo Mitre, ex-commandante dos exercitos alliados na guerra do Paraguay, ao qual, além de sua notavel intelligencia, só os cargos que ha exercido e sua laboriosidade garantirião a importancia historica de seu trabalho de longos annos.

A *Historia da guerra do Paraguay* é ainda outra obra que promette brevemente publicar o mesmo festejado escriptor argentino. As revelações e documentos com que será ella enriquecida, o juizo imparcial do seu autor sobre alguns episodios ainda ignorados d'esta campanha, chamará, sem duvida, para ella não só a attenção da America como a de toda a Europa.

Já consta que um editor offerecera ao General Mitre quatrocentos mil duros pela propriedade do livro.

O homem que ri.—É o titulo dado por Victor Hugo ao seu ultimo romance, do qual conhecemos as vinte primeiras paginas, transcriptas em folhetim no *Diario de S. Paulo*. Innumeradas são as traducções que d'esta obra se têm feito para todas as linguas, inclusive a grega e tcheque.

— No Brasil a litteratura parece actualmente estar sob a influencia de benigno genio. Como na Europa, vastoseria o cathalogo das obras originaes brazileiras que hão visto a luz da publicidade, se o quizeramos formar. Entre as muitas producções em todos os generos de litteratura tornão-se dignas de menção as seguintes:

(*) Neto do distincto classico portuguez D. Antonio da Costa.

Obras pósthumas.—O finado Arcipreste da Provincia de Santa Catharina, Padre Joaquim Gomes de Oliveira Paes, de santa e saudosa recordação, entre outras disposições testamentarias, fez as seguintes declarações sobre os seus escriptos, recommendando que : o seu *Compendio de Philosophia* (ainda por terminar), bem como as suas poesias sagradas, e profanas, algumas das quaes (profanas) deverião ser queimadas, fossem entregues ao seu cunhado, o Sr. Paulicéa Marques, afim de as completar, colligir e dal-as ao prélo; e que o manuscrito do seu *Diccionario Topographico, Historico, e Estatístico* d'aquella Provincia, fosse entregue ao seu amigo, o Sr. Bernardino Varella, para que o fizesse publicar no Rio de Janeiro, por meio de acções ou assignaturas.

A tribuna sagrada rio-grandense contou triumphos todas as vezes que este virtuoso sacerdote e eloquente orador a occupara.

O padre Paiva falleceu em Santa Catharina, de paralytia e infiltração suosa, no dia 29 de Janeiro ultimo, com 47 1/2 annos e 17 dias. Foi uma perda sensivel á Igreja e sociedade brasileira.

Praxe Brasileira.—O Sr. Conselheiro Joaquim Ignacio Ramalho, publicou com este titulo uma importante obra sobre o processo civil. A obra é dividida em cinco partes :

O *Diario de S. Paulo* faz sobre ella os maiores encomios, e termina assim um de seus artigos a respeito : « O nome do Sr. Conselheiro Joaquim Ignacio Ramalho, um dos lentes mais sabios da nossa Faculdade, e homem versadissimo em todos os ramos de direito positivo, é sufficiente recommendação da sua obra. Mas, independente d'esta circumstancia, os entendidos verão que a *Praxe Brasileira*, fructo de aturado trabalho, e de grande saber, moldado pelas fontes de nosso direito, é o livro mais completo e de maior valia que temos sobre o processo civil brasileiro. »

Publicações scientificas.—O Sr. Dr. Hilario Soares de Gouvêa, distincto oculista brasileiro, que ha annos se acha na Europa, onde tem occupado o importante e honroso cargo de chefe da clinica ophtalmologica da Universidade de Heidelberg, acaba de publicar, em allemão, dous excellentes trabalhos sobre molestias de olhos. O primeiro *sobre o deslocamento do corpo vitreo consecutivo ás perdas do mesmo*, em que apresenta idéas novas sobre o deslocamento das membranas do globo ocular. Este trabalho vem transcripto nos *Archivos de Ophtalmologia* do professor Græfe. O segundo é uma monographia *sobre as alterações pathologicas das queimaduras da cornea pela cal viva*. Tão importante é este trabalho que foi traduzido para o inglez e publicado em um jornal ophtalmologico da America do Norte, fundado recentemente pelo professor Knapp, em Nova-York.

Lopez e o Brazil.—« Fomos obzequiados, diz o *D. Rio de Janeiro*, pelo Sr. Antonio Lopes Cardoso, residente na Bahia, com um exemplar do poemêto, que ali acaba de publicar, sob o titulo acima.

« Agradecendo a offerta, temos como dever louvar o jovem e illustre poeta pela exhibição de mais esse documento de valor, no qual prova o seu cuidadoso progredir pela senda litteraria.

« O Sr. Lopes Cardoso publicando o seu bello poemêto, teve em vista satisfazer dous nobres compromissos : o reconhecimento de gratidão ao paiz em que reside, e o tributo de homenagem á memoria do distincto e popularissimo poeta bahiano o Francisco Moniz Barreto. A tão nobre empenho deve ser prestada a coadjuvação que o Sr. Cardoso solicita, afim de ser construido um mausoléo, onde repousem as cinzas de Moniz Barreto. »

Almanak de Laemmert.— Das officinas dos Srs. E. & H. Laemmert, acaba de sahir o *Almanak administrativo, mercantil e industrial da Côte e Provincia do Rio de Janeiro, para o anno de 1869*, redigido pelo Sr. Carlos Guilherme Haring.

Esta interessante publicação, que se acha no 26º anno de existencia, continúa a recommendar-se pela grande copia de informações uteis que fornece e pela exactidão, tanta quanta é possivel, d'estas informações. Além da parte, que é propriamente almanak, contém o livro, como de costume, um extenso supplemento, antes verdadeiro repositório de documentos officiaes, e uma chronica da vida da cidade do Rio de Janeiro durante o anno findo.

Noticias sobre a Provincia de Matto-Grosso.—Com este titulo publicou na Côte o Snr. Joaquim Ferreira Moutinho um livro de merito litterario e historico, no qual o autor descreve nas mais brilhantes côres os usos e costumes d'aquella Provincia e dos indios que povoão seus espessos sertões; juntando-lhe mais um roteiro da viagem de sua capital á de S. Paulo.

Os herôes brasileiros na campanha do Sul em 1865.—Apareceo o n. XVII d'esta interessante publicação, comprehendendo a biographia e o retrato do 1.º Tenente Americo Brazilio Silvado, commandante do encouraçado *Rio de Janeiro*.

Physiologia das paixões e affecções.—Apareceo a primeira cadernêta d'esta obra encetada pelo illustrado Dr. Alexandre José de Mello Moraes, contendo uma gravura representando a criação e outra o retrato do autor.

A imprensa recebeu com encomios a obra do Sr. Dr. Mello Moraes, que nas seguintes palavras expõe o seu plano:—« Um livro faltava na litteratura medica e principalmente na bibliotheca da lingua portugueza que exclusivamente tratasse do homem e da mulher, em relação ás suas paixões. Eil-o vertido á brasileiro, tal qual o podemos escrever, collegindo dos numerosos escriptores que nos são familiares, e do melhor que nos agradeu. Dividimol-o em tres partes: na primeira, fallamos da mulher, sob todos os pontos de vista em que pôde ser considerada; na segunda, do homem; e na terceira, das paixões e affecções. »

Contos da Roça.—Com este titulo publicou na Côte, o festejado Sr. Augusto Emilio Zaluar o 2.º tomo de sua interessante colleção de leituras fugitivas, contendo o seguinte:—*Sessenta legoas em dez horas*, que é uma descripção da inauguração da estação de Entre-Rios, da estrada de ferro de Pedro II; a *Historia de um fazendeiro*, *A sombra e a luz*, *Um casamento na roça*, *A' beira do mar*, e o *Colibri*.

Vingança por vingança.—Na época em que o theatro se transforma de templo d'arte e da litteratura, em mercado; em que declina do fastigio de sua realza de seculos e divina á um eterno baile masqué, onde o *cancan* indecente sobrepuja o sublime da concepção, o immoral ao nobre, e a palhaçada ao bello; é por certo um santelmo para a litteratura dramatica, que naufragava sob a brutal tormenta alcazarina e o máogosto da parodia, o drama em 4 actos do autor da *Filha do Salineiro*, o distincto litterato Dr. C. Gomes de Sousa, intitulado *Vingança por vingança*.

Sobre este trabalho do Dr. C. Gomes, escreveu o illustrado Dr. Mello Moraes Filho, um monumental parecer, que faz honra áquem o deo como áquem o merecera. Este parecer acha-se transcripto no *Rio-Graadense* n. 107 de 13 do corrente; e nós o recommendamos.

Marlyres do coração.—Assim denominarão o seu ultimo drama, que se representou ultimamente no theatro de S. Paulo, com grande applauso, os dous distinctos dramaturgos rio-grandenses Carlos Augusto Ferreira e José Felizardo Junior.

Basta o nome dos seus jovens e talentosos autores para justificar o titulo verdadeiramente bello e sympathico que derão ao seu drama em 4 actos e um epilogo.

Manfrêdo.—O *Mercantil* de Santa Catharina, começou a publicar em folhetim, vertido em portuguez, o poêma-dramatico *Manfrêdo*, de Lord Byron.

Modestia excessiva aconselhou seu traductor a occultar, seu nome, e a nem servir se de qualquer pseudonymo.

Consignamos apenas a noticia, deixando de omittir qualquer consideração sobre seu interessante trabalho, por não termos mais que as doze primeiras paginas, nas quaes porém já se revelão bellezas originaes.

— Na cidade do Rio Grande installou-se em principios d'este mez a associação *Gremio Litterario Rio-Grandense*, da qual deo-nos noticia o *Correio do Sul* nas seguintes, inda que poucas, brilhantes palavras:

« Installára-se a 4 o *Gremio Litterario Rio-Grandense*, recente, porém, auspiciosa sociedade, que se destina á cultura das letras e da sciencia com o mesmo zelo de que d'aqui lhe dá exemplo o *Parthenon* d'esta cidade.

« A installação foi menos concorrida, mas não menos brilhante do que era de esperar-se.

« A bella instituição do benemerito e mal lembrado Zalloni, a sociedade *Instrucção e Recreio*, emprestou á nova associação o seu edificio.

Na installação orárão os Srs. Dr. Bier, presidente, Thibaut, 1º secretario, Boulicch, Dias e outros socios.»

— *Escola Normal*.— Segunda feira, 12 do mez proximo findo, foi inaugurada e installada n'esta capital, no Lycéo D. Afonso, a *Escola Normal da Provincia*, creada pela nova reforma da Instrucção Publica.

— *O Parthenon Litterario* enriquece de dia a dia sua bibliotheca com preciosos volumes, já dos mais famosos escriptores, como tambem com obras originaes dos seus mais intelligentes e talentosos socios.

Entre outros os Srs. Appollinario e Achylles Porto Alegre, Hilario Ribeiro, Aurelio de Bittencourt, Eduardo Salomé, Nicoláo Vicente e Sá Brito têm, no genero dramatico, o mais difficil da litteratura, produzido, não diremos fructos perfectamente sazoados, não; porêm já maduros alguns, e saborosos todos.

N'este numero devemos incluir o nome do Sr. Nicoláo Engelsdorff, de quem temos sob as vistas sua interessante traducção de uma comedia-drama allemã, intitulada — *O sobrinho pelo tio*.

E como no genero dramatico, em todos os outros, a litteratura patria tem de que orgulhar-se com o *Parthenon*, que conta quasi que em cada um de seus socios, senão genios, ou talentos transcendentos, porque são raros estes, muitos talentos superiores, muita esperança e muita intelligencia applicada e estudiosa.

Por occasião de sclemnisar o seu primeiro anniversario, em sessão solemne installará o *Parthenon* as aulas nocturnas, onde serão ensinadas algumas das principaes materias do curso superior, de bellas lettras e sciencias.

Selecta brazileira—intitula-se o livro de poesias, compiladas dos melhores autores nacionaes pelos Srs. Ignacio de Vasconcellos Ferreira e Antonio de Azevedo Lima, que sendo approvado pelo Conselho Director da Instrucção Publica, foi adoptado para uso das escolas da provincia.

Poucas palavras fazemo elogio d'este livro:— E' trabalho consciencioso de dous distinctos, bem que modestos litteratos; e que sem mêdo de incorrer em erro affiançamos ser o melhor dos que temos visto e estão publicados em seu genero. Este livro está se imprimindo na typographia do *Rio-Grandense*.

— A morte inexoravel em sua missão tem ultimamente ceifado as mais bellas glorias do exercito e da armada imperial.

Após centenaes de bravos mais um repousa sobre seus louros e sangue no inhospito Paraguay. O General Jacintho Machado de Bittencourt, era um d'esses valentes de que se ennobrecia o exercito, e que como Gurjão, Netto, Sampaio, Lopo, Andrade Neves e outras victimas illustres foi sacrificado em holocausto a sua patria.

Dando a noticia de seu passamento traz o *Correio do Sul* n.º 77 um artigo, onde se notão alguns rasgos do valor e nobreza de character do extinto General Bittencourt.

Na côrte falleceo o Exm. Marechal de Exercito Barão de Suruhy, um dos mais sabios, se não o primeiro legislador militar brazileiro. Infelizmente, é por demais estreito espaço da *Revista* para podermos registrar alguns dos muitos titulos que tornarão credor da consideração, respeito e admiração geraes, e a especial da classe militar, que n'elle respeitava e amava o typo do verdadeiro soldado. A sua fé de officio é um monumento de gloria erguido á sua memoria. O *Rio-Grandense* de ns. 91 e 92 publicou a sua biographia, e a *Actualidade* a sua fé de officio.

Em feudo á memoria do heroico General Gurjão, morto em desaffronta dos brios da nação, resolveo a edilidade da Capital desua Provincia natal mudar a denominação da rua do Arsenal em que nasceo o illustre General, pela de *rua do General Gurjão*, e bem assim fazer acquisição do seu busto que será collocado na sala em que celebra suas sessões. Para tal fim abriu uma subscrição popular.

Falleceu em Liverpool, com 69 annos de idade o almirante John Pascoe Grenfell, que tantos e tão importantes serviços prestou ao Brazil desde a Independencia até 1852, época da guerra contra Hozas. Em seu testamento determinou o Almirante que seu corpo descansa no mesmo jazigo de sua esposa (Cemiterio do *Père la Chaise*), onde já se acha o seu braço direito perdido no Rio da Prata, nas guerras que ali sustentou a pról do Imperio.

Por occasião de dar-se sepultura a seu cadaver o Sr. Barão de Penedo pronunçiou um tocante discurso, que lêmos transcripto na *Opinião Publica*, do Rio Grande n.º 87.

Como o Brazil a França tem a chorar perdas immensas: Em Lamartine perdeu um de seus maiores poetas, a quem acompanhou logo Mr. Troplong, Presidente do Senado, e do Supremo Tribunal de Justiça, e membro do conselho privado de Napoleão III. Mr. Troplong, como Lamartine, quiz repousar no meio dos seus; assim, pois, foi aquelle transportado á Plombiers, e este á St. Point.

Logo em seguida abriu-se a campa para receber Berlioz, compositor, cujas exequias tiverão lugar na igreja da Trindade. A'sua cerimonia reunira-se tudo o que havia de mais distincto no mundo musical em Paris; e foi executada a lacrimosa de seu *Requiem*, assim como um de seus quartetos ineditos.

Mal terminavão-se estas exequias, registrava-se mais um fallecimento notavel, o de Merimée. Depois do musico o poeta. Merimée fez-se celebre do momento em que escreveu seu primeiro volume *O Theatro de Clara Gazul*, que no entretanto, não trazia o seu nome. Mas o anonymo foi logo descoberto, e desde então, a mais singela pagina traçada por sua penna era um novo triumpho, como *A Familia Carvalho*, *A chronica do novo reinado de Carlos IX*, *Tamango*, *a Tomada do reducto*, *A Venus de Ille*, *As Almas do Purgatorio*, *o Vaso etrusco*, *a Partida de Trictrac*, *Matteo Falcone*, *Arsène Guillot*, *Carmen*, etc. Não podemos citar todos, mas o que devemos collocar em primeira linha é o romance *Colombo*, do qual quarenta edicções não diminuirão a influencia com que era proenrado,

— As bellas artes, como a litteratura florescem, e ao Sr. Pietro de Brognóli, deve o mundo artistico uma obra de real merito— *As galerias do Vaticano*, que é a reproducção pela gravura, ao buril, em aço, dos magnificos frescos de Raphael, e de outros primores de pintura devidos ao genio dos melhores pintores da Italia, formando duas collecções, uma de 38 e outra de 150 estampas. As estampas já publicadas representão:— *A appareção da Cruz é Constantino*, *O Baptismo do mesmo*, *Heliodoro*, *Attila*, *O milagre de Bolséna*— *S. Pedro no carcere*, *A coroação de Carlos Magno*, *A derrota dos Sarracenos*.

— Assim tambem a musica progressa: O assobio do vapor não suffoca de todo as melodias do genio.

Força do destino.— Esta nova opera do celebrado Verdi, cantada ultimamente no theatro Scala (Milão), proporcionou mais um triumpho ao abalisado maestro, que foi chamado dezeseite vezes ao proscenio, e coberto de cordas e de applausos.

Mais feliz do que Bellini e Donizetti, o insigne compositor adianta-se em annos grangeando fama e proveito. E' senhor de uma fortuna consideravel, e tem recebido condecorações, bem que merecidas, de quasi todos os soberanos da Europa.

O Guarany.— Lê-se no *Diario do Rio de Janeiro*:

« Já tinhamos noticiado a nossos leitores que C. Gomes, nosso distincto compatriota, devia apresentar na presente estação uma nova composição sua, para cujo fim se havia inscripto no theatro *Carcano*.

« *Bella luna* é o titulo da nova opera apresentada por Carlos Gomes, e sobre a qual tecerão encomios o *Pungolo*, *Il Secolo*, *Il Trovatore*, *Il Mondo Artistico*.

« Temos á vista a *Illustrazione Universale* e a ella pediremos a opinião emittida sobre a operêta de Carlos Gomes. Para este *vaudeville* o maestro Gomes escreveu oito pedaços magnificos, dos quaes dous ou tres são bellissimos, elegantes e originalissimos. O côro de *banbini lattanti*, por exemplo, agradou tanto que todas as noutes é repetido tres vezes.

« E' a segunda vez que C. Gomes apresenta producções musicacs suas em Italia, e de ambas as vezes obteve completo triumpho.

« Sabemos que um *vaudeville* não é uma opera: mas o *Facile ad ago, In moda, bambini lattanti* bastão para revelar no jovem maestro brasileiro um compositor de muito futuro.

« Os monarchas raras vezes são felizes na escolha dos artistas a quem prodigalisão a graça de os animar na sua carreira; porém d'esta vez, é necessario confessar que D. Pedro II não despendeo inutilmente o dinheiro de seu erario, mandando Gomes, que já tinha feito representar na sua patria duas operas de sua composição, estudar musica em Italia. Ha tres annos que Gomes bate ás portas inexoraveis do theatro de Scala, em Milão, apresentando uma opera séria em 4 actos intitulada *Guarany*. O argumento do libretto é tirado de um romance de Alencar, que é celebre no Brazil; é um quadro da luta entre os colonos europeos, e as tribus indigenas da America meridional.

« Gomes foi maravilhosamente inspirado pelas memorias do seu paiz. Vertendo na sua composição musical, as chammaas insupportaveis e as moles blandicias d'aquelle sólo, exprimio com raro vigor as côres das paixões effervescentes d'aquelle povo; gritos de guerra, suspiros de amor, orações e imprecações, arrancos de morte e alegres canções se alternão no seu poema.

« Um jornal já annunciou que a empreza do theatro de Scala se resolveo finalmente este anno á pôr em scena *Il Guarany*, e nós fazemos votos para que assim aconteça, apesar de não termos muita esperanza. Se a direcção do theatro de Scala só consultasse os interesses da arte, é provavel que o maestro Gomes seria chamado á ardua tarefa; mas... Ah! as reticencias! que odiosa figura de rhetorica!

Orrego. — E' o nome de um outro grande genio musical, americano, de quem os jornaes do Chile fallão com o maior enthusiasmo. O novo portento é o jovem Orrego, de Valparaizo, que conta apenas 15 a 16 annos de idade. Ha 4 annos, tendo manifestado brilhantes disposições para a musica, recebeu de um professor allemão d'aquella cidade algumas lições de composição e harmonia; ensino que actualmente começa a generalizar-se no Chile. Orrego retirou-se em seguida para o campo, onde permaneceu até ha um mez, quando foi surprehender a seu proprio mestre e a quantos o ouvirão, com algumas composições suas, tão originaes como bellas. Dizem que seu estylo é semelhante ao de Schubert e Beethoven, e segundo a opinião de alguns professores chilenos, suas obras pôdem collocar-se á par das dos melhores classicos.

A Rio-Crandense. — E' o titulo de uma brilhante walsa do distincto academico, nosso comprovinciano, Fernando Luiz Ozorio, ultimamente publicada com general acceitação, em S. Paulo.

Recordações de um baile; é o titulo da bella walsa que entre os mais fervidos e merecidos applausos ouvimos executar-se n'um sarão do *Recreio Commercial*, a cuja sociedade foi offerecida por sua intelligente autora, a Exma. Sra. D. Patricia, jovem e formosa filha de nosso amigo o Sr. Eloy José Fernandes Lima.

Moréna Travêssa. — Com este titulo foi impressa na Imperial Lytographia dos Srs. Wiedemann & Sequeira, uma polka composta pelo nosso jovem e inspirado pianista o Sr. Domingos Porto. A *Moréna Travêssa* é uma feliz composição musical, que se surri ao futuro de nosso talentoso amigo.

Auras da Primavera. — E' ainda outra producção sua, de subido merecimento e belleza. Esta walsa-concerto foi composta e offerecida ao *Parthenon*; e que segundo nos consta, esta Associação vae mandar dar á estampa.

Ouvimol-a executar por seu proprio autor, e escusado é dizer que nos arrebara a alma a um mundo todo harmonia e encantamento.

Matinas da Maternidade. — E' uma das mais bellas composições de musica religiosa que temos ouvido n'esta capital, e que composição do Mestre de Capellas da cathedral de Lisbôa, Miguel Freire, foi profissionalmente executada em nossa Cathedral pela eximia orchestra Mendanha, na vespera da festa de N. S. Madre de Deos, nossa gloriosa padroeira.

As melodias as mais suaves, harmonias arrebatadoras, instrumentação feita com todas as regras da arte, produzindo o mais bello effeito, tudo enfim quanto exige um trabalho d'essa ordem, tornão essa composição obra prima em seu genero. Os entendedores fazem-lhe os maiores elogios; e no maestro Mendanha e seus discipulos teve o distincto compositor, auxiliares poderosos que fizerão realçar o merito do trabalho em que a cada passo se notão bellezas admiraveis.

Miguel Freire é um dos poucos compositores de musica religiosa que hoje existem, mas em compensação comprehende a sua missão, e o trabalho de que acabamos de fallar é uma prova do seu talento e bom gosto.

—*Bill-Aberdeen*.—O Governo de S. M. Britanica acaba de fazer um acto de reparação e justiça que extremamente o honra e penhora-nos; encetando assim sobre risonho auspicio o gabinete Gladstone os trabalhos politicos internacionaes.

Por proposta do illustre Conde de Clarendon, ministro de estrangeiros, foi authorisada na Camara dos Lords a leitura de um *bill* revocatorio ao de 1845, que infelizmente conhecemos por *Acto de Lord Aberdeen*, cuja adopção foi um dos mais notaveis e lastimosos incidentes da luta de cincoenta annos sustentada pela Inglaterra para abolir a escravatura. Ter do passado em 3.º discussão na Camara, hoje só se espera a sancção regia, para que esse padrão vergenhoso haja desaparecido.

A rainha Victoria é assaz illustre para que se não felicite da oportunidade que dá-lhe a Camara de revogar esse *bill* inconveniente, que era uma vergonha para o Brazil, porém sempre menor que para a Inglaterra.

A imprensa ingleza se tem manifestado em unanimidade pela revogação, e é tempo de que o gabinete de S. James dê satisfação ao Brazil de ter, abusando de sua força, calcado aos pés o sagrado direito das gentes, oprimido o em sua fraqueza.

Associação Abolicionista.—Lê-se no *Correio do Sul*:—« A veneravel loja *Aca-cia Rio-Grandense* deliberára outra criação mais benemerita ainda, mais digna de futuro, e de maior alcance, fundando uma sociedade abolicionista, filial da Loja e dirigida pelas *cinco luzes* d'esta. Assignão esse bello programma os Srs. Dr. João Landell, presidente, João Frick e Domingos José Rodrigues Dias, 1.º e 2.º secretarios, Luiz Palazzo, thesoureiro, e José Hallawell, archivista.

« São socios natos todos os membros da respeitavel Loja, e mais todos aquelles que estes angariarem. Cada socio dará 67000 réis annuaes de esportula; e com essas esportulas e as beneficencias que lhe forem feitas, a sociedade resgatará todas as escravas que puder, entre os 8 e 25 annos de idade, por composição amigavel com os proprietarios. Os estatutos são laconicos, e serião sufficientissimos, se não tivessem esquecido que no *livre* Brazil o cidadão não tem liberdade para associar se sem licença do Governo, e nem para dar esmolas e curar, do que a elle lhe compete e elle descuida.

« Como quer que seja, a idéa está lançada; e quando ás vexatorias formulas a que se acha entre nos adstricto o direito de associação frustem o empenho de seus iniciadores, fica lhes a estes um merecimento incontestavel no exemplo que nos derão. »

O illustre publicista nada nos deixou a dizer, senão que o *Parthenon*, associação composta de uma centena de jovens entusiastas do nobre, do bello e do bom, ergue em uma só voz o mais entusiastico—bravo—a *Sociedade Abolucionista Rio-Grandense*.

Queira a nossa Assembléa animar e proteger esta santa instituição a favor da liberdade d'esses entes infortunados a quem a ambição de nossos avós roubou á patria e á familia para legar-nos como um corrosivo letthal.

E a nobre Provincia do Rio Grande deve seguir o exemplo de sua irmã do Norte, já que não foi a primeira em dal o. Faça-o hoje, e as glorias serão partilhadas entre ambas com as benções do céu e da posteridade.

A escravidão nas colonias.—Lê-se no *Jornal do Commercio* de Lisboa: « Acabou finalmente a escravidão nas nossas colonias. Foi hoje (23 de Fevereiro) assi-

gnado o decreto que manda terminar desde já e em todas as nossas possessões ultramarinas a escravidão. Passão a ser considerados como libertos, sem excepção, todos os actuaes escravos, os quaes gosarão de todas as vantagens concedidas aos libertos e ficão tambem sujeitos áos mesmos deveres impostos a estes pelo decreto do mez de Dezembro de 1854.

« No dia 29 de Abril de 1878, em que devia acabar a escravidão, acabará tambem a obrigação dos serviços impostos aos libertos, e esses serviços, até então, ficão pertencendo as pessoas a quem os escravos, agora libertos, pertencem hoje.

« Estão satisfeitos completamente os desejos do Sr. Marquez de Sá, que trabalhou sempre com a melhor vontade para conseguir este resultado, e acabou para sempre um estado de cousas que desmentia a civilisação do nosso seculo. »

Sim Portugall já havias riscado de teu codigo á pena de morte, apaga tambem d'elle essa nódoa negra da escravidão, e dá teu exemplo generoso a teu irmão da America; já que elle seguiu teus erros ensina-o a reparal-os.

Monumento no Ypiranga.—Em sessão ordinaria da Camara Municipal de S. Paulo foi lido um officio do Sr. Commendador Jeronymo José de Mesquita, aventando a patriotica idéa de erigir-se um monumento no Ypiranga, em memoriação ao grandioso acontecimento da Independencia. S. Ex. pôz a disposição da Camara a quantia de 5 000\$ rs., offerecendo quantia igual pelo Exm. Sr. Conde do Bom-Fim, para a sua realisação. A Camara acolheo gostosa a offerta, e deliberou que fosse dirigido um officio de agradecimento ao Sr. Commendador Mesquita, nomeando uma commissão composta dos Srs. Vereadores Dr. Dutra Rodrigues, Luiz de Castro Carneiro Leão e Tenente-Coronel Antonio Proost Rodvalho, para comprimental-o em seu nome.

—*Archeologia.*—O rei de Italia acaba de determinar que do seu bolsinho particular se facilite a quantia de 30.000 francos, para attender ás despezas que occasionarem as investigações archeologicas de Herculano, que estão interrompidas ha vinte annos.

Pelos soldados brazileiros foi encontrado, enterrado, nas circumvizinhanças d'Assumpção, uma grande lapida de granito, contendo um *baixo relevo* representando Santo Ignacio de Loyola depondo as armas de guerra para receber o habito clerical. Suppõe-se, e é logico, que seja esse trabalho devido ao cinzel mestre de algum d'aquelles habeis e pacientes Jesuitas, que outr'ora povoarão as Missões do Paraguay.

Apesar das grandes ofertas feitas por elle consta-nos que será enviado esse precioso pedaço de granito para o Rio de Janeiro.

Tribuna sagrada.—Durante as solemnidades religiosas que têm tido lugar, occuparão a tribuna sacra dois oradores. Um eloquente, que subjuga e eleva o auditorio que o cerca, que n'uma dicção clara e correctá, na palavra fluente, e na phrase elegante, como na belleza das imagens, que as vezes ousa crear para suas grandiosas comparações, faz possuir-se quem o escuta d'aquillo que lhe é assumpto; e que escusamos dizer ser o Revd. Padre J. Augusto de Araujo Vianna.—O outro, é um Revd. Padre estrangeiro, que pregou ou praticou durante todo o mez de Maria. Não nos queira mal S. Revd. e aceite na humildade evangelica que o deve caracterisar, o dizermos-lhe com toda a franqueza que S. Revd. fallou muito, todas as noutes durante um mez; fallou muito, mas nada disse que valesse a pena; em seus longos discursos não houve nem o vislumbre de uma thése; S. Revd. não definio uma unica idéa, mas em compensação passou ao auditorio serenissimas sarabandas, e ha de nos perdoar, em palavras pouco proprias nos labios de um sacerdote, e menos dignas de proferirem-se no recinto da igreja, e como predica, onde a moral, a limpeza das palavras e a nobreza dos ademães devem ser o principal cuidado do orador.

— *A Alfandega da capital* rendeo no mez de Abril 157:372,799 rs., isto é mais do que em Março 59:965,633 rs, e que este mez 72:765,235 rs.

— *A Mesa de Rendus* rendeo no mez de Abril 22:837,422 rs, e em Maio 16:938,539 rs.

— *Theatro* —Tendo nos alongado extremamente para as poucas paginas da *Revista* concedidas ao *Ementario*, e havendo acceitado gostosamente uma collaboração sobre o assumpto, da inspirada penna do Sr. Aurelio de Bittencourt, só nos cabe recommendar assuas impressões sobre o magnifico drama a *Estatua de Curne* e prometter para o proximo numero uma *Revista theatral*.

— *Templo de S. José.*—Os catholicos allemães residentes n'esta capital, congregão se e correm uma subscrição para edificarem um novo templo dedicado á São José.

— *Banco da Provincia.*—Para dar uma idéa d'este importante estabelecimento basta o seguinte que se lê no *Rio-Grandense* n.º 101 :—« As 15 acções do Banco, pertencentes ao espolio da finada D. Anna Pacy d'Aveline, e que tinham em entradas realizadas 120,000 rs. chegarão no leilão que hontem teve lugar, a 210,000 rs. e assim tambem mais 30, que na occasião apparecerão, alcançarão o mesmo preço. Tal é o estado lisongeiro a que chegou o *Banco da Provincia*, e tanta a confiança que n'elle depositão. »

—No intento de ser agradavel aos Srs. assignantes da *Revista*, extendemos talvez demais, e seriamos insupportavelmente massantes se nos quizessemos occupar ainda com a secca, esse terrivel flagello que desola as Provincias do norte do Imperio reduzindo suas povoações a miseria e ao horroroso supplicio da fome; ou se nos entrelivessemos com a imprudente retirada do General Web, plenipotenciario dos Estados-Unidos junto a côrte do Brazil, originando a ruptura das relações amigaveis entre as duas primeiras potências americanas; e por isso vamos terminar, e o fazemos pedindo a alguns dos nossos collegas que nos offerecerão poezias para serem publicadas n'este numero da *Revista*, não as ter dado a estampa, visto ter com a *revista litteraria*, preeenchido numero maior de paginas do que haviamos contado.

P. Alegre 31 de Maio de 1869.

José Bernardino dos Santos.

